

Inclusão: Portadores de síndrome de Down e outras pessoas com deficiências numa parceria APAE e CQV/UNIMEP.

Autores

Luciana Aguiar

Orientador

Eline Tereza Rozante Porto

Apoio Financeiro

Fae

1. Introdução

Este, assim como vários outros projetos que surgiram e continuam

Nesse Contexto, Maciel (2000, p. 51) comenta:

surgindo, nos reporta a seguinte realidade: nos últimos anos, o mundo se volta para as questões das pessoas consideradas deficientes; pessoas essas que foram por muito tempo eliminadas, maltratadas e abandonadas, como nos revela a literatura especializada.

"A estrutura das sociedades, desde os seus primórdios, sempre inabilitou os portadores de deficiência, marginalizando-os e privando-os de liberdade. Essas pessoas, sem respeito, sem atendimento, sem direitos, sempre foram alvo de atitudes preconceituosas e ações impiedosas".

"A falta de conhecimento da sociedade, em geral, faz com que a deficiência seja considerada uma doença crônica, um peso ou um problema. O estigma da deficiência é grave, transformando as pessoas cegas, surdas e com deficiências mentais ou físicas em seres incapazes, indefesos, sem direitos, sempre deixando para o segundo lugar na ordem das coisas. É necessário muito esforço para superar esse estigma".

É notório, sob esse aspecto, que:

"... a carga de cobrança social sobre o indivíduo excepcional (deficiente) se dá em proporções gigantescas, fazendo com que este, cada vez mais, encontre problemas em seu convívio social e tenha menos oportunidades em seu dia-a-dia, tendo que superar barreiras constantes ou sucumbir-se a elas nas diferentes esferas sociais: no trabalho, na escola, na própria família, no transporte e no lazer." (BLASCOVI-ASSIS, 1997, p. 18)

Com isso, o curso de Educação Física, que tem no seu interior disciplinas que abordam as questões dos corpos que nascem fora do padrão imposto pela sociedade, tanto na graduação como na pós-graduação, prevê iniciativas que promovam a investigação e a intervenção junto às pessoas com deficiências. A prática

de atividades motoras e esportivas se torna, contudo, fatores significativos e determinantes para o desenvolvimento de habilidades essenciais também para essas pessoas.

Acreditando nisso, realizamos de agosto de 2005 a julho de 2006, numa parceria com a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Piracicaba e o Centro de Qualidade de Vida (CQV) da UNIMEP, a execução do Projeto de Extensão intitulado EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA: UMA EXPERIÊNCIA NA CIDADE DE PIRACICABA, no qual as pessoas com deficiências, especialmente os portadores de Síndrome de Down, tiveram a oportunidade de, através de atividades motoras e esportivas, experimentar situações diversas relacionadas às suas potencialidades e descobertas.

Esse trabalho foi fundamentado sob as premissas da diversidade humana, reconhecendo a existência e possibilidade de convivência entre as diferenças, que sob a ótica de GAIO e PORTO(2006, p.14), "devem ser encaradas como positivas e de fundamental importância na construção da identidade social dos seres humanos, pois é fator muito significativo para uma vida de respeito, aceitação, acolhimento, companheirismo, solidariedade e reconhecimento."

Para a realização do trabalho utilizamos de pesquisa bibliográfica, consultando literatura específica atual sobre os temas Síndrome de Down, inclusão, pessoas com deficiência e Educação Física adaptada, bem como, a intervenção direta com os alunos da instituição parceira, o que possibilitou-nos estarmos em contato direto com a população estudada.

Contudo, notamos que as ações preconceituosas se davam porque os seres humanos não entendiam que essas pessoas podiam se desenvolver e se adaptar à sociedade, estigmatizando-as e excluindo-as do quadro social, como nos mostra Maciel (2000, p.53): Por acreditarmos que podemos organizar uma vida mais justa do ponto de vista da aceitação, do respeito, entre outras atitudes para com todos os seres humanos em que a luta individual e ao mesmo tempo coletiva de cada ser pode definir sua colocação e atuação na sociedade, consideramos à necessidade de oferecer oportunidades para as pessoas com deficiências.

2. Objetivos

Os objetivos deste ensaio são:

Sistematizar o conhecimento adquirido nos livros e artigos consultados;

Compreender e analisar as pessoas com deficiências em aulas de Educação Física;

Conhecer teoricamente, observar, analisar e compreender os portadores de Síndrome de Down num ambiente em que se encontram com outras pessoas com deficiências, em turmas da APAE.

3. Desenvolvimento

No período de atuação do projeto nosso enfoque foi a observação

das crianças com Síndrome de Down nos grupos os quais elas pertenciam na APAE em aulas de Educação Física. Durante o início do primeiro semestre todas as turmas da APAE que freqüentavam o CQV eram observadas e, a partir daí, foi selecionada a turma que possuía o maior número de alunos com Síndrome de Down. Essa turma foi denominada de TURMA A e era formada por, aproximadamente, vinte alunos, sendo

cinco alunas portadoras de Síndrome de Down. A proposta inicial era de que essa turma viesse ao CQV quinzenalmente, às segundas feiras a tarde, mas por problemas de excesso de alunos, a frequência passou a ser mensal e, por isso, passamos a acompanhar as aulas na própria instituição e no XV de Piracicaba nas datas e horários que as alunas correspondentes participavam dos encontros de Educação Física.

Durante esse primeiro período de desenvolvimento do projeto, atuamos auxiliando o professor responsável pela aula. Além disso, observávamos todos os alunos durante o processo e anotávamos as informações que posteriormente foram transcritas nos Diários de Campo.

A partir de fevereiro, em reunião com o professor da APAE, tivemos que alterar nossa forma de intervenção, já que as alunas até então observadas passariam a frequentar a APAE no período da manhã e, por isso, não poderiam mais frequentar o CQV, no horário por nós estabelecido.

Portanto, no segundo semestre do desenvolvimento do trabalho, houve a necessidade de se fazer algumas mudanças em relação às turmas observadas para que o trabalho pudesse continuar, já que haviam muitas turmas passíveis de frequentar o CQV e como haviam sido modificadas, pela mudança de ano, os alunos pertencentes a cada turma. Mediante a este fato, chegamos a um consenso que uma única turma viria semanalmente ao CQV da UNIMEP para ser atendida pelo nosso projeto. Esta turma, para critério de observação, foi denominada TURMA X, na qual apenas uma aluna com síndrome de Down participava e era foco da nossa atenção.

Neste mesmo período, nós iniciamos o processo de intervenção direta, em que ministrávamos as aulas para os alunos no CQV da UNIMEP. Estas aulas tiveram como base a teoria da Motricidade Humana e eram previamente elaboradas por nós e analisadas pela professora que nos orientava, Dr^a Eline Porto. Por conseguinte, as aulas lecionadas eram descritas nos Diários de Campo, nos quais eram apresentados: a estrutura da aula, desde a data, local, nome do professor e/ou estagiário responsável, atividades desenvolvidas e alunos observados presentes, além de apresentar um relato próprio de como nós havíamos visto, sentido e analisado a aula dada. As aulas tinham duração de 45 minutos, aproximadamente, e nós tínhamos como um dos objetivos propiciar através das atividades trabalhadas um entrosamento maior entre todos os participantes das respectivas turmas. As turmas eram totalmente heterogêneas quanto as capacidades intelectuais, motoras, sociais e afetivas, por isso, exploramos o máximo de movimentos possíveis, utilizando-nos de variações de ambiente e de materiais.

Outras mudanças, durante o processo, também ocorreram, em que começamos a participar de aulas semanais de Educação Física, às terças-feiras, no Clube de Campo de Piracicaba junto com uma turma denominada de Y. Essas aulas no Clube de Campo eram divididas em dois momentos, sendo que o primeiro consistia de atividades físico-esportivas nas quadras, e o segundo de Boliche, considerada tanto como atividade perceptivo-motora quanto lazer.

Continuamos acompanhando as aulas de natação no XV de Piracicaba com a turma denominada de Z, sendo que essas aulas eram divididas em aquecimento, atividades monitoradas e tempo livre supervisionado.

O professor responsável por ministrar as aulas no Clube de Campo e no XV de Piracicaba era o professor de Educação Física da própria instituição, sendo que participávamos do processo auxiliando-o na explicação das atividades e na aplicação das mesmas. As observações feitas eram transcritas e analisadas nos Diários de Campo a cada encontro realizado.

A partir da parceria APAE/CQV-UNIMEP e da possibilidade de acesso à APAE-instituição, a população total atendida foi de, aproximadamente, 50 alunos, dentre os quais 10 eram portadores da Síndrome de Down.

4. Resultados

Observamos durante todo o processo do desenvolvimento do trabalho o aprimoramento do conhecimento específico, relacionando a teoria com a prática ao tratarmos do Síndrome de Down junto a outras pessoas com deficiência.

Notamos que este processo se revela muito complexo pelo fato de existirem inúmeras diferenças entre todos os participantes, mas que estes buscaram minimizá-las na medida em que reconhecem suas possibilidades e necessidades enquanto, se relacionam com os demais alunos e professores.

Durante as aulas destacamos também as alterações comportamentais que alguns alunos apresentavam quando eram oferecidas mudanças de ambiente ou de professores. Entretanto, revelaram uma melhora significativa observada no relacionamento professora e aluno na medida em que estes se entrosavam, se conheciam e se reconheciam no outro a partir da aceitação e do respeito às diferenças que os tornam diferentes, mas não desiguais.

Constatamos, porém, as dificuldades de comunicação e entendimento encontradas pelos alunos e por nós professores/estagiários ao ministrar as aulas, pois nunca havíamos trabalhado com este público anteriormente.

Verificamos, contudo, que a prática das atividades vivenciadas ofereceram suporte prático para que pudéssemos, como proposto, observar, analisar e compreender os portadores de síndrome de Down junto a outras pessoas com deficiências nas aulas de Educação Física.

5. Considerações Finais

Esse trabalho teórico-prático tenta expor além das dificuldades

encontradas pelos professores e necessidades dos alunos, alternativas para minimizá-las entre as pessoas atendidas.

Tivemos, com esse projeto, a oportunidade de participar, conhecer e aprender sobre um assunto que a cada dia se torna mais comum nas sociedades em geral: as diferenças/deficiências, e é esse o tema abordado no nosso trabalho, enfatizando, contudo, uma deficiência específica: a Síndrome de Down.

A partir do segundo semestre de participação no trabalho, tivemos a oportunidade de intervir diretamente com os alunos. Consideramos de extrema e grandiosa importância a oportunidade de relacionarmos a teoria à aplicação na prática, pois notamos que a teoria nem sempre condiz com o que verificamos quando a colocamos em prática e que, por isso, muitas vezes necessita de adaptações e adequações.

Aprendemos muito com este processo e pudemos transmitir um pouco do que estudamos na literatura específica para as pessoas com quem convivemos nesses doze meses, que são os professores e auxiliares de sala da APAE e todos os alunos atendidos com a nossa proposta.

Consideramos nossa participação nesse projeto de grande valia, pois tivemos a oportunidade de, ao mesmo tempo, aprender e ensinar. Contamos, para a realização deste trabalho, com o apoio, ajuda e experiência de todos aqueles que se dedicaram para colocar em prática o que nós acreditamos. Foi fundamental a nossa dedicação, o apoio dos professores e, principalmente, da minha orientadora e do professor de Educação Física da APAE-Piracicaba.

Referências Bibliográficas

BLASCOVI-ASSIS, Silvana Maria. **Lazer e deficiência mental**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

GAIO, Roberta Cortez. **Educação Física inclusiva: uma experiência na cidade de Piracicaba**. Projeto de extensão - UNIMEP, 2005.

GAIO, Roberta Cortez e PORTO, Eline Tereza Rozante. "Educação Física e pedagogia do movimento: possibilidades do corpo em diálogo com as diferenças." In: **DE MARCO, A. (org.) Educação Física: cultura e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

MACIEL, M. R. C. Portadores de deficiência: a questão da inclusão social. **São Paulo em Perspectiva**, 14(2):51-6, 2000.